

## Carta por uma Civilização Participativa e Solidária

*Apresentada ao Fórum Permanente Participação e Solidariedade, promovido pela Cátedra Unisul Participação e Solidariedade, criada pela Universidade do Sul de Santa Catarina, Brasil.*

### Oswaldo Della Giustina - Patrono

As crises que preocupam e angustiam o homem deste início de milênio vão muito além de uma simples crise financeira, ou de qualquer outra natureza setorial, como aparentam e, geralmente, são interpretadas. Elas são, sobretudo, a consequência da disritmia e dos desequilíbrios decorrentes, introduzidos no processo civilizatório, entre a velocidade com que evolui a tecnologia e seu uso, e a lentidão com que ocorrem as mudanças nas pessoas e nas instituições. Assim sendo, as crises devem ser entendidas como múltiplas manifestações de uma crise bem maior, que revela a insustentabilidade do atual estágio civilizatório, rumo a alguma forma de ruptura, caso o processo não seja revertido.

No entanto não há oposição entre a tecnologia e seus avanços e o homem em suas múltiplas dimensões, mesmo que se considere a tecnologia em suas formas mais **avançadas**, como a engenharia genética, a química fina, ou a física cósmica.

Ao contrário. A tecnologia poderá ser transformada no grande instrumento de promoção do homem e humanização da sociedade, se for assumida a consciência de que isto é possível e se concentrarem esforços no sentido de transformar o que é possível em realidade.

A oposição, porém, existe quando a tecnologia avança ou é utilizada em detrimento do homem e da sociedade, seus ritmos, seus valores e o ambiente natural onde ocorrem os fenômenos humanos. Neste caso, na medida da

disritmia e dos desequilíbrios que ela provoca, será inevitável que, de crise em crise, resulte do processo a ruptura anunciada e a ruptura terá então consequências inimagináveis, mas seguramente não menores que os desequilíbrios, ou desvios, que se tiverem embutido no processo.

Para reverter o caminho da ruptura, no entanto, faz-se necessário perceber que, paralelamente à ameaça que este caminho possa representar e à lentidão da evolução dos homens e de suas instituições, ressurgiu e cresce no mundo uma poderosa **massa de consciência** em defesa do ser humano e dos valores essenciais da civilização.

Neste contexto, constitui valor essencial da massa de consciência, a dignidade humana, a qual pressupõe o respeito e a promoção dos direitos fundamentais do homem – desses direitos, em primeiro lugar, o direito à vida e à igualdade de oportunidades de acesso aos bens necessários para vivê-la na maior plenitude. Este processo de valorização da vida, como valor básico ou original, deve ser estendido a todos os seres humanos, independentemente de cor, raça, cultura, crença, categoria social, ou qualquer outro atributo.

Como corolário, o pluralismo de culturas, de pensamento, de regimes políticos, de crenças ou de costumes, constitui pressuposto para o exercício da dignidade humana, das liberdades individuais, da convivência harmônica, da paz e da segurança entre os povos. Este é o caminho – e não há outro, para a sobrevivência do Planeta e plena humanização dos que nele habitam.

São esses valores, e outros que os integram – a justiça, a igualdade, o repúdio à prepotência e à destruição da natureza, que encontram sua síntese nas dimensões éticas da participação e da solidariedade.

É necessário e urgente que os valores da massa de consciência, desta forma sintetizados, sejam assumidos, individualmente, pelas pessoas, e, coletivamente, pela sociedade, como pressuposto e fundamento de viabilizar a transição do estágio insustentável da atual ordem civilizatória, ainda ordenada por fundamentos e práticas formulados nos tempos pré-tecnológicos, para um

novo estágio civilizatório, que preserve, na era pós-tecnológica, as dimensões humanas e seja ordenado por seus valores.

Esta perspectiva não constitui um simples dever ético. Ela diz respeito, como se disse, à própria sobrevivência do ser humano e de suas circunstâncias. É preciso entender que a dimensão da tecnologia, capaz de destruir o mundo não só fisicamente, mas em qualquer das dimensões que o constituem, esgotou o espaço de sobrevivência e a aplicação de paradigmas do passado, com base no conflito, na competição e na concentração sem limites, frutos do domínio e uso equivocado da tecnologia, para excluir e ampliar as áreas periféricas, gerando uma nova forma de totalitarismo global e aprofundando, perigosamente, o desequilíbrio do processo.

É preciso, afinal, estabelecer o consenso de que, por serem valores éticos, a participação e a solidariedade não constituem apenas sonhos inalcançáveis, formulações teóricas, ou objetivos utópicos, a não ser que esses sonhos, formulações e objetivos sejam entendidos como faróis que iluminam os caminhos e lugares da busca, ou da chegada.

Para isto, a participação e a solidariedade devem ser transformadas em instrumentos eficazes para inspirar o novo homem e construir as novas instituições, ou seja, a sociedade pós-tecnológica, re-equilibrando o processo civilizatório e superando, desta forma, as crises e a ameaça de ruptura.

Ainda, impõe perceber, e assumir, que a participação, como valor ético, pode encontrar seu instrumento eficaz para a mudança na desconcentração de todas as dimensões das pessoas e da organização social. A desconcentração implica superação dos sistemas concentradores, tanto mais poderosos nesta era da globalidade e tanto mais nocivos, na medida em que, através da competição selvagem e da ocupação ilimitada de espaços, produzem a referida exclusão que se expande para um número cada vez maior de pessoas, de regiões, de povos e de nações. Esta dinâmica, concentração – exclusão, vem ocorrendo em processo crescente e chegará, brevemente, a seu momento crítico de desequilíbrio e, em consequência, à inevitável ruptura. Na verdade, constitui um axioma da natureza que todo desequilíbrio, ao alcançar seu

momento crítico, se torna insustentável. Por que imaginar que este axioma universal não se aplica à sociedade?

Da mesma forma, é necessário perceber, e também assumir, que a solidariedade como valor ético pode encontrar na cooperação o instrumento igualmente eficaz de organizar sustentavelmente a sociedade, humanizando o processo.

Isto significa dizer que a participação, tendo a desconcentração como seu instrumento eficaz, e a solidariedade, tendo a cooperação como instrumento eficaz, constituem os valores e os instrumentos de construir a nova sociedade em sintonia com os valores essenciais da massa de consciência e com os avanços da Ciência e da Tecnologia. Esta será, então, a sociedade amorizada, lembrando Teilhard de Chardin, ou Dante Alighieri em sua percepção poética, de que é “o amor que move o sol e todas as estrelas”. Por que não há de mover as sociedades humanas?

### **Um mundo melhor é possível**

Este convite para a construção do mundo melhor, participativo e solidário dirige-se especialmente às universidades, às organizações sociais, aos governos constituídos e às lideranças políticas, bem como a outros segmentos da sociedade – os comunicadores, os promotores da arte, da inteligência e da cultura – e, ainda, às igrejas e filosofias de todas as ordens, para que se debrucem sobre o momento e o processo, promovendo uma análise atenta, profunda e eficaz, sobre o que está ocorrendo no mundo, suas incertezas e a sucessão de crises, e formulando, em decorrência, propostas sistematizadas e operacionais para superar, ou reverter, o processo de ruptura, que paira sobre a civilização. Desta forma, os valores da massa de consciência hão de tornar realidade **o mundo melhor, mais solidário, mais participativo**, e, por isto mais humano.